

A CONTRIBUIÇÃO DA CAPOEIRA NO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR PARA PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

Patrícia Alves de Oliveira¹
Célio Antônio de Paula Júnior²

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender a contribuição da capoeira no desenvolvimento psicomotor para pessoas com Síndrome de Down. Também descrita como trissomia do cromossomo 21, a Síndrome é uma mutação genética com características específicas que afetam fisicamente e psicologicamente em todos os casos. A escolha da capoeira é pertinente por se tratar de uma ferramenta que possui características lúdicas, com aspectos artísticos, musicais, físicos, entre outros necessários ao desenvolvimento psicomotor. Foi realizado um estudo de caso descritivo e de análise qualitativa, onde a professora de uma escola inclusiva na cidade de Goiânia-GO, respondeu perguntas sobre o tema em questão. É importante salientar que os resultados apontam uma contribuição positiva da capoeira na vida das pessoas com Síndrome de Down, melhorando as pequenas atitudes diárias, o comportamento individual e o relacionamento social além do aumento da autonomia e da autoestima, o que é fundamental a qualquer pessoa. Neste estudo, pode-se concluir que foi percebido através da entrevista com a professora da escola especializada em atendimento à alunos com deficiências, que os principais benefícios com a iniciativa, abrangem a fala, o rendimento e comportamento escolar, postura, marcha, além do convívio interpessoal. Na escola, há uma ênfase no uso da capoeira como instrumento no desenvolvimento psicomotor dos alunos com Síndrome de Down, corroborando com as afirmações dos autores pesquisados, de que o uso da capoeira para o desenvolvimento do público em questão realmente é positivo.

Palavras-chave: Síndrome de Down, Capoeira, Psicomotor.

CAPOEIRA'S CONTRIBUTION IN PSYCHOMOTOR DEVELOPMENT FOR PEOPLE WITH DOWN SYNDROME

ABSTRACT

The present study aimed to understand the contribution of capoeira to psychomotor development for people with Down Syndrome. Also described as trisomy of chromosome 21, Syndrome is a genetic mutation with specific characteristics that affect physically and psychologically in all cases. The choice of capoeira is pertinent because it is a tool that has playful characteristics, with artistic, musical and physical aspects, among others necessary for psychomotor development. A descriptive case study and qualitative analysis were carried out, where the teacher of an inclusive school in the city of Goiânia-GO answered questions about the subject in question. It is important to point out that the results point to a positive contribution of capoeira to the lives of people with Down Syndrome, improving small daily attitudes, individual behavior and social relationships, besides increasing autonomy and self-esteem, which is fundamental to anyone. In this study, we can conclude that it was perceived through the interview with the teacher of the school that specializes in attending to students with disabilities, that the main benefits of the initiative include speech, school performance and behavior, posture, gait, besides Interpersonal living. At school, there is an emphasis on the use of capoeira as an instrument in the psychomotor development of students with Down Syndrome, corroborating with the statements of the authors researched, that the use of capoeira for the development of the public in question is really positive.

Keywords: Down Syndrome, Capoeira, Psychomotor.

¹Professora de Educação Física. Pós-graduanda em Educação Inclusiva Libras e Braille pela Faculdade Araguaia.

² Mestre em Ciências da Saúde- Faculdade de Medicina/UFG. Professor de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Araguaia. E-mail: celiopersona@gmail.com

INTRODUÇÃO

Entende-se como aneuploidia, uma anormalidade cromossômica clinicamente significativa, ou seja, um número anormal de cromossomos devido a um exemplar extra ou inexistente (NAKADONARI; SOARES, 2006). O tipo mais comum de aneuploidia humana viável é a síndrome de Down (SD), ou trissomia do 21, resultante da não-disjunção meiótica (meiose I ou II) do par cromossômico 21 (THOMPSON et al., 1993 apud NAKADONARI; SOARES, 2006, p. 5).

Esta alteração genética afeta o desenvolvimento mental e motor do indivíduo, determinando algumas características físicas e cognitivas típicas da SD, tais como: hipotonia, baixa estatura, pescoço curto, orelhas com dobra típica, língua protusa, mãos curtas e largas, abertura de pálpebras inclinada, dentes pequenos, além de poder ocorrer a instabilidade atlantoaxial, convulsões, epilepsias, cardiopatias congênitas (PUESCHEL, 2007).

A SD, “constitui-se numa das causas mais frequentes de deficiência mental, compreendendo cerca de 20% do total de deficientes mentais em instituições especializadas” (MOREIRA et al., 2000 apud NAKADONARI; SOARES, 2006, p. 6). Assim, a busca por melhorias na qualidade de vida de pessoas com SD é marcante na literatura, sendo o desenvolvimento psicomotor uma das variáveis estudadas na área da Educação Física, deixando uma dúvida sobre qual atividade seria mais pertinente para se atingir este objetivo (BARBIERI, 2013). Diante disso, o problema de pesquisa deste estudo visa a compreensão da prática da capoeira, como conteúdo das aulas de educação física, para pessoas com Síndrome de Down, explicitando os benefícios que esta prática corporal pode proporcionar no desenvolvimento psicomotor dos mesmos.

A capoeira é uma prática corporal sociocultural, esportiva e de lazer. Outras características da capoeira são seus aspectos polivalentes, pois ela é vista como arte, dança, cultura, luta, arte marcial, jogo, esporte, música, folclore e filosofia. Estima-se que mais de cinco milhões de pessoas no Brasil, pratiquem capoeira, fora os adeptos que se encontram em mais de 150 países (LUSSAC, 2004).

Segundo Reis Filho e Schuller (2010), a utilização da capoeira como instrumento de auxílio às pessoas com Síndrome de Down (SD), para o treinamento da coordenação motora, é possível, pois a capoeira em sua pluridiversidade trabalha de forma bem ampla as habilidades motoras. Isso se dá, porque a cada roda, a cada jogo da arte, pode-se viver diversas situações e desafios que estimulam a coordenação motora.

Este estudo tem como relevância científica auxiliar professores de educação física, no sentido de direcionar suas atividades para as pessoas com SD, colocando a prática da capoeira como conteúdo visando promover alterações significativas no seu cotidiano, como o desenvolvimento motor, psicológico e social, promovendo a qualidade de vida nesta população. Desta forma, o objetivo geral deste estudo é compreender as contribuições da capoeira no desenvolvimento psicomotor para pessoas com Síndrome de Down.

Síndrome de Down

Estudos que reconhecem a SD como manifestação clínica, só começaram com o médico John Langdon Down, que descreveu pessoas com características físicas próprias similares e que devido à semelhança dos olhos com os nativos da Mongólia, ele as denominou com o distúrbio do mongolismo. Contudo, apenas em 1932, foi que Waardenburg, propôs que a causa da SD se dava por uma disfunção cromossômica, mas foi em 1959, que Lejeune e Jacobs, descobriram o cromossomo a mais (SCHWARTZMAN, 1999).

Segundo Brunoni (1999), pode-se definir a SD como, uma “cromossomopatia”, uma doença que apresenta no seu quadro clínico um desequilíbrio na constituição cromossômica, que possui a presença de um cromossomo 21 a mais, caracterizando uma trissonomia simples. Na trissonomia simples o indivíduo possui 47 cromossomos em todas as células, esse tipo responde por 95% dos casos de Síndrome de Down (SCHWARTZMAN, 1999).

A Síndrome de Down possui características clínicas congênitas tais como, hipotomia muscular, anomalias cardíacas, baixa imunidade, distúrbios gastrointestinais, obesidade, atraso no desenvolvimento psicomotor e problemas neurológicos, auditivos e visuais (GRANZOTTI *et al.*, 1995; NISHIHARA, *et al.*, 2005).

Como fatores de risco para ocorrência da síndrome temos a idade da mãe, além do baixo consumo de ácido fólico antes da gestação. As mulheres com faixa etária entre 35 e 39 anos tem 6,5 vezes mais chance de ter um filho com Síndrome de Down comparado com as de 20 a 24 anos e essa possibilidade aumenta para 20,5 vezes quando se está entre 40 e 44 anos. A incidência de casos de Síndrome de Down é de um para cada 600 nascidos vivos à uma proporção de 1,3 meninos para 1,0 meninas (ALLT; HOWEL, 2003).

De acordo com Brunoni (1999), a SD se manifesta de três formas: Trissonomia Livre, Translocação e Mosaicismo. Na Trissonomia Livre, no lugar dos 46 o indivíduo nasce com 47 cromossomos 21 em cada célula e onde deveria ter dois cromossomos 21 em cada célula,

encontram-se três, isso ocorre na maioria dos casos. Na Translocação, o cromossomo extra do par 21 está ligado a outro cromossomo, formando também um total de três cromossomos 21. Nesse caso o que diferencia é o terceiro cromossomo 21 não estar “livre”, ele estará grudado, ou seja translocado em outro, sendo a criança com essa forma a mais comprometida se comparado os três. No Mosaicismo, considera-se como sendo resultado de um erro em uma das primeiras divisões celulares, ou seja, algumas células têm 47 e outras 46 cromossomos, tipo um mosaico, daí o nome mosaicismo, sendo o menos comum nas pessoas com a síndrome.

As características físicas da SD, nem sempre se manifestam na sua totalidade nas crianças com a síndrome. Em alguns casos a criança apresenta somente algumas dessas características, isso pode ser visto também no desenvolvimento mental, nas habilidades intelectuais e motoras, pois engloba uma distância entre o retardo mental e o severo, a inteligência e as habilidades próximas do normal (SELIKOWITZ, 1992).

São muitas as dificuldades enfrentadas pela pessoa com SD, tanto no aspecto físico, quanto no social. Entretanto hoje é possível prolongar a vida desses indivíduos com mais saúde, através dos avanços da medicina, da reabilitação e da educação, o que possibilita a melhora de suas potencialidades. Nas últimas décadas a sociedade passou por mudanças que estão ajudando a proporcionar o aumento nas oportunidades de educação, de lazer, independência funcional, emprego e integração social na SD (EISENHOWER; BAKER; BLACHER, 2005). Há 50 anos os indivíduos com SD, tinham apenas nove anos de expectativa de vida e 53% faleciam no primeiro ano. Hoje em dia 90% das crianças com SD sobrevivem até o final do primeiro ano de vida e 45% atingem até os 60 anos de idade (ALLT; HOWEL, 2003).

A especialização dos profissionais de saúde no que tange o atendimento aos indivíduos com SD, deve direcionar ao conhecimento das doenças que com maior frequência estão associadas a esta síndrome. Isso as capacita a proporcionar uma melhor qualidade de vida para essas pessoas (HENDERSON et al., 2007). A busca pelas condutas mais adequadas para essas pessoas, mobiliza pesquisadores na área da Educação Física para atingir tais objetivos, sendo a capoeira uma das práticas corporais estudadas pelas contribuições para pessoas com SD.

A Capoeira

A capoeira é definida como uma manifestação cultural brasileira com particularidades, como a mistura de luta, jogo, dança, esporte praticada ao ritmo da música de seus instrumentos peculiares como, o berimbau, o atabaque, o pandeiro, marcada com palmas e cantigas

(VIERA,1998). Por ser considerada como um espetacular meio de autodefesa e de condicionamento físico, a capoeira se sobressai como sendo a única modalidade desportiva de origem brasileira fundamentada nas nossas tradições culturais. Por tudo isso a capoeira consegue cada vez mais espaço nas escolas e universidades, sendo reconhecida e aceita em todas as classes da sociedade brasileira (LUSSAC, 2004).

No tocante a contribuição que a capoeira pode dar a Síndrome de Down é necessário o conhecimento de alguns aspectos: o jogo, a musicalidade e a ginga. Para que o jogo aconteça é necessária a formação da roda, ou seja, os capoeiristas se posicionam em forma de círculo onde na base se localiza a orquestra, que é formada pelos instrumentos (berimbau, atabaque, pandeiro, agogô, reco-reco) que ditarão o ritmo do jogo. No centro da roda os dois jogadores exercem uma forma de comunicação que se traduz em uma verdadeira linguagem corporal. O jogo se desenvolve através de uma série de perguntas e respostas, em que quando um aplica um golpe, o outro responde com outro movimento imprevisível que pode ser um contragolpe ou uma esquivada, ou até mesmo uma rasteira. A vantagem se dá no momento em que alguma pergunta fica sem resposta, ocorrendo o desequilíbrio em favor de um dos oponentes (BEZERRA NETO, 2010).

A musicalidade, os instrumentos, as palmas e o coro, influenciam totalmente o ritual do jogo e a roda. Existem três funções básicas nos cânticos da capoeira:

I. Função ritual, que fornece à roda o ritmo e animação; II. Função conservadora das tradições, que reaviva a memória das comunidades capoeiristas acerca dos acontecimentos importante em sua história; III. Função ética, que promove um constante repensar dessa mesma história e dos princípios éticos nas rodas de capoeira (BRITO, 2008, p. 21).

Pensando na função dos integrantes da roda com a música, existe o cantador, os tocadores e restante que bate palmas e responde o “coro”, tudo isso com sincronia e dentro do ritmo. As posições de todos integrantes da roda podem ser trocadas, possibilitando a liberdade de todos participarem em toda constituição (BEZERRA NETO, 2010).

De acordo com Bezerra Neto (2010), a luta/dança retorna as origens da capoeira como luta disfarçada de dança. E essa dúvida só persiste através da ginga, o movimento que caracteriza a capoeira. A ginga possibilita esconder um golpe que pode surpreender o adversário deixando-o sem reação. Esse tipo de movimentação do capoeirista se traduz na mandinga, a qual é constantemente usada no jogo.

A ginga proporciona ao capoeirista o poder de enganar seu oponente:

A capoeira é caracterizada pela ginga, movimentação constante do capoeirista de um lado para o outro, a partir da qual são executados os golpes e realizadas as defesas. [...] Outro componente importante é a mandinga, o engodo, a enganação, que faz o oponente pensar que o capoeirista vai dar um golpe, mas na realidade refuga ou executa um outro (ANJOS, 2003, p. 125).

A história da capoeira tem versões contraditórias, principalmente no que se alude ao período compreendido entre o seu surgimento provável no século XVII e no século XIX, quando aparecem registros confiáveis com descrições mais detalhadas desta manifestação. Esses registros datados no início do século XIX, no Rio de Janeiro designam como capoeira os seus praticantes (ARAÚJO, 2005).

Para Vieira (1998), uma questão que gera muitos debates entre os estudiosos da arte-luta brasileira é sobre o surgimento da capoeira, pois os autores que defendem a sua origem no Brasil, apoiam-se no argumento de não existir nos dias atuais (não existe registros históricos conhecidos), qualquer forma de luta criada e desenvolvida pelos escravos nos outros países da América, mesmo tendo a mesma origem da África (VIEIRA, 1998).

Os que defendem a origem da capoeira como africana, baseiam-se no fato de que ainda hoje existem rituais de dança com peculiaridades de luta como, a Cujinha, Uianga, Cuissamba e Dança da Zebra no continente africano (MARINHO, 1956). Para alguns autores (SANTOS, 1990; AREIAS, 1983), a capoeira praticada no Brasil, seria apenas uma variação dessas danças, que teria sido utilizada nos momentos necessários nas lutas corpo a corpo. Assim os elementos dessas lutas ancestrais, seriam utilizados nas fugas e nos movimentos de rebeldia dentro das Senzalas e dos Quilombos constituídos no Brasil na época da colonização (VIEIRA, 1998).

Apesar da concordância de que a capoeira é uma luta de origem brasileira, necessita-se vê-la como parte da dinâmica constante da cultura afro-brasileira. Desse modo a capoeira nasce da mistura de aspectos com existência pretérita nas culturas africanas (jogos, danças, rituais, músicas e muitas outras) (VIEIRA, 1995 p. 42).

O aparecimento da capoeira deve ser pensado, de uma certa forma, como as próprias artes marciais tradicionais do Oriente, que são a expressão da filosofia de seus povos criadores e que estão integradas às outras instâncias da vida social, como a religião e o trabalho. Sabe-se, por exemplo, que diversas armas utilizadas nessas artes marciais derivam de instrumentos de trabalho agrícola, e algumas cerimônias ou simbologias se referem às tradições religiosas dos orientais (VIEIRA, 1998).

Deve-se entender que a capoeira surgiu no Brasil como luta de resistência de um povo rico em tradições culturais, que se viu obrigado a criar várias técnicas de ataque e defesa para lidar com a situação de opressão vivida no período da escravidão. Além disso é necessário

considerar a capoeira como parte de todo um processo de resistência dos escravos, na religião, na culinária, na arte entre outros, ou seja os negros além de continuarem vivos e lutarem pela sua liberdade precisavam preservar suas tradições culturais (VIEIRA, 1998).

Daí a razão da maior parte dos escritores do assunto relacionarem o surgimento da capoeira ao nascimento dos primeiros quilombos no Brasil. Segundo Vieira (1998), no decorrer do século XIX a capoeira expressava o modo de vida dos negros no Brasil. O processo de desescravização se intensificou com as alterações que vinham acontecendo na economia e na política do Império. Em 1850, o tráfico de negros já fora proibido pela lei Eusébio de Queirós, a troca da mão de obra escrava pelo trabalho dos imigrantes, imposta pela coerência do sistema econômico mundial e brasileiro, gerava uma inevitável fase de marginalização.

Vieira (1998), afirma que a capoeira passou a reunir, além dos ex-escravos e seus filhos, indivíduos de outras classes da sociedade. Assim ela se misturava com a vida política chegando a ser usada como meio de luta entre organizações que lutavam entre si na época do Império e no início da República, em destaque as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Salvador.

Os capoeiras eram contratados para interferir em comícios, tumultuar eleições e fazer a segurança de figurões da política. O sociólogo José Murilo de Carvalho, analisando as ocorrências policiais do rio de Janeiro do século passado, calcula em cerca de vinte mil o número de capoeiras cariocas existentes às vésperas da Proclamação da República (1889), o que nos dá uma ideia da importância desse segmento na sociedade da época (VIERIA, 1998).

Foi necessário muito tempo para que a capoeira deixasse de ser vista como um mal social. É possível que nos últimos cem anos a história da capoeira seja a sua própria trajetória de inserção e institucionalização na sociedade brasileira. O seu reconhecimento se deu gradativamente como expressão de folclore nacional, como luta de técnica eficiente e, recentemente como meio de educação para a consciência da nossa cultura (VIEIRA, 1998).

METODOLOGIA

Este é um estudo de caso transversal, observacional, de natureza descritiva e cuja análise é qualitativa. O cenário da pesquisa foi uma escola especializada, situada na região sudoeste de Goiânia, cujo responsável pela instituição, assinou um termo de consentimento para que a pesquisa pudesse ocorrer no local. As informações foram obtidas utilizando-se de instrumentos como a observação da aula e uma entrevista com uma professora de educação física e de capoeira, através de um roteiro constituído de dez perguntas, que auxiliaram a coleta dos dados.

O público observado neste estudo, foram 10 alunos com SD com faixa etária entre 10 e 17 anos, de ambos os sexos. Para participação na pesquisa a professora e os pais ou responsáveis dos sujeitos voluntários da pesquisa (quando menores de idade), assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), sendo relatado que poderiam retirar o consentimento à qualquer momento, sem que tivessem qualquer prejuízo ou penalização por conta disto.

A observação teve como objetivo descrever e compreender os conteúdos e metodologia adotados pela professora no sentido de contribuir no desenvolvimento psicomotor para pessoas com SD, através da capoeira e como é a participação dos alunos nas aulas. O roteiro de observação, incluiu: a forma como é ministrada a aula pelo professor(a); a interação entre discente e docente; o nível de interesse dos alunos ao realizar as aulas de capoeira; o tempo estabelecido para a duração das aulas; a participação dos alunos nestas aulas; a estrutura do local; os materiais utilizados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na pesquisa de campo realizada na escola inclusiva, de início foi observada uma aula ministrada pela professora aos alunos com SD, começando por uma sequência de alongamentos seguida de trabalho com bolas para aquecimento. Depois das fases da aula a professora finalizou com uma roda de capoeira onde os alunos interagiram jogando, tocando e cantando o que é peculiar à roda. Após a aula foi realizada a entrevista para a coleta de dados do estudo.

Segundo Howard (1984), a Educação Musical se traduz em um método válido para mostrar à criança como fazer nascer em si emoções originais e autênticas e também mudar as emoções que vem de fora. Isso só é possível através de atividades que estimulem e criem respostas, simultaneamente, físicas e psíquicas nas crianças.

Brito (2008), afirma que no andamento do ensino de musicalização necessita, além das capacidades musicais, incentivar o desenvolvimento de outras capacidades nas crianças, tais como: integração no grupo, capacidade de autoafirmação, de expressar-se por meio do próprio corpo, de produzir ideias e ações próprias, de cooperação, de solidariedade e respeito. Isto é, a musicalização promove experiências musicais significativas para a criança. Sendo a capoeira uma luta e esporte que contém a musicalidade, a professora explicou como utiliza esse esporte pra atrair as pessoas com SD e quais os benefícios para seus praticantes.

Desde o início quando eu cheguei, deu muito certo, tocar música e cantar. Depois, foi trabalhar a parte física, com um som mecânico trabalhando a ginga e os movimentos para ver as dificuldades de cada um. O toque do berimbau

envolveu os meninos, beneficiando-os em termos de continuidade e estar até hoje jogando capoeira. A parte de movimentação mesmo, demorou um pouco a acontecer, foi a música que proporcionou a melhora. Eles entendem que a música tem um começo, meio e fim, que a música dita o que acontece na roda de capoeira. Nas aulas tem um pouco de história da música, como porque se canta aquilo, como é o coro e aí me tranquilizei com o 1,2,3, com o tocar certinho ao ritmo, porque eu vi que o tempo dos meninos é individual de cada um, não é o meu tempo (Professora Entrevistada).

Analisando o relato da professora e o que afirma Howard (1984), pode-se dizer que a prática da capoeira influencia significativamente no desenvolvimento das emoções dos alunos com Síndrome de Down, porém trabalhar a musicalidade para esses indivíduos através da capoeira em termos de amplitude deve-se atentar ao que coloca Brito (2008), que o ensino da musicalização aborda mais do que meramente tocar o instrumento e cantar. Assim é necessário maiores estudos e pesquisas para se afirmar que a música, contida também na capoeira, transforma a vida dos alunos com Síndrome de Down.

De acordo com Oliveira e Duarte (2005, p. 56) a utilização do jogo da capoeira permite a criança com SD, se movimentar e se conhecer como ser social. Isso pode ser utilizado no favorecimento a eficiência cognitiva, social e moral, melhorando a cooperação e o respeito mútuo. Neste estudo, quando perguntada sobre a melhora estar associada às aulas práticas, as quais os alunos interagem na roda de capoeira, a professora relata:

Em relação a isso eles melhoraram muito, eles já conseguem estabelecer um diálogo com uma pessoa que eles não conhecem, você vai chegar aqui, oi, como se chama oi, essa coisa deles, a socialização deles, a cooperação entre eles se desenvolveu muito. Na roda os meninos já entendem que existem regras, que tudo em seu tempo, eles se auto corrigem (Professora Entrevistada).

Quando abordada sobre a socialização, a afirmação da professora de que eles evoluíram, coaduna com Oliveira e Duarte (2005, p. 56), que fala da utilização do jogo da capoeira no favorecimento do convívio social.

Para Silva (1995), a capoeira em função de seus múltiplos movimentos realizada em vários planos e eixos, podem ser utilizados como recurso no treinamento da coordenação motora de indivíduos com SD. Quando perguntada sobre a utilização da capoeira para trabalhar a coordenação motora dos alunos, ela relata:

A base da capoeira é psicomotora, isso é indiscutível, porque no treinamento da capoeira você trabalha todos os elementos psicomotores e você pode brincar com isso, com balões por exemplo. Por exemplo, você fala, 'vamos

fazer uma brincadeira, a gente vai gingar, vamos jogar o balão pro alto, antes do balão cair a gente vai passar um golpe, não pode deixar o balão cair ou, já sai da gíngua e esquiva do balão, vamos trabalhar esquiva', tudo isso é noção de espaço e lateralidade. Com isso eles melhoraram a postura, a marcha, os pais falam que já viram isso neles (Professora Entrevistada).

O treinamento da coordenação motora dos alunos com Síndrome de Down, relatado pela professora, mostra que a evolução de alguns aspectos positivos ao longo do tempo, corroborando com o que é postulado por Silva (1995), ao afirmar que a capoeira pode ser utilizada como recurso nesse treinamento e os resultados visíveis a curto espaço de tempo. Já Reis Filho e Schuller (2010), afirmam que apesar de seus testes mostrarem uma sensível melhora na coordenação motora desses indivíduos, são necessários novos estudos para confirmação da eficácia do treinamento da capoeira com esse objetivo.

Segundo Esteves (2003), a capoeira prioriza fazer do aluno com Síndrome de Down um cidadão feliz, permitindo a sua convicção em realizar suas tarefas, em que ele possa se superar nos limites e atingir um alto nível de satisfação. Assim quando o aluno se sente feliz consigo e com o que faz, ele consegue responder com maior rapidez e afirmação. Esta afirmação, também foi investigada neste estudo, quando perguntado à professora se os benefícios proporcionados pela prática da capoeira influenciariam no desenvolvimento das crianças com SD, ela relatou:

Os nossos meninos, de acordo com relatos dos pais, são mais organizados mentalmente, eles conseguem acordar de manhã e ter uma rotina, tirar a roupinha e tomar banho sozinho. Pode ser que não seja tudo perfeito, eu vou enxugar o meu dedinho do pé, entende? Mas é perfeito e certinho, tem a roupa limpa, eles conseguem dobrar e colocar na gaveta. Eles já estão bem mais organizados estruturalmente nesse sentido, eles estão bem mais autônomos e isso também é um benefício da capoeira (Professora Entrevistada).

A emoção que se experimenta em uma roda de capoeira é expressada na alegria dos seus participantes, isso confirma o que diz Esteves (2003), que a capoeira prioriza a felicidade do aluno com SD, permitindo que ele se estruture e supere os limites do cotidiano. A professora exemplifica tarefas do dia a dia desses alunos, que para eles é uma evolução significativa, isso vem confirmar o que fala Esteves (2003).

A prática da capoeira para pessoas com SD é importante para o desenvolvimento motor e cognitivo, porque o treinamento dos movimentos básicos possibilita melhor coordenação, entendimento, compreensão e aprimoramento da consciência corporal. Os alunos adquirem autonomia no decorrer das aulas, o que contribui para um melhor andamento (PALMA, 2012,

p. 30). Nesta pesquisa, segundo relato da professora entrevistada, a capoeira contribui para esse desenvolvimento motor e cognitivo do aluno.

Nos momentos da roda é que eu vejo melhor o que eles desenvolvem nos aspectos motor e cognitivo, porque as atividades em grupo favorecem esses aspectos. Uma vez uma menina estava chorando e o colega levantou sem nenhuma manifestação minha e foi buscar água. Eles já conseguem tocar e colocar o instrumento na ordem certa entendem que o berimbau é o principal da roda e isso é desenvolvimento social e cooperação mútua (Professora Entrevistada).

Segundo Pereira (2007), a capoeira é considerada um importante recurso metodológico para ser aplicado nas atividades físicas para pessoas com SD, pois ela desenvolve força, melhora o tônus muscular, permite maior agilidade, flexibilidade e ampliação dos movimentos e também se caracteriza como atividade cardiovascular. A Capoeira pode ser ministrada de várias formas oferecendo ao praticante escolher dentre as várias linhas de sua inesgotável fonte de recursos como dança, esporte, luta, cultura, jogo, música dentre outros. Ao que respondeu a professora quando questionada sobre a sua opinião, sobre as contribuições da capoeira nesses aspectos para o aluno com SD.

A capoeira é completa, ela trabalha tudo isso. Você tem que conhecer quem é o seu aluno, qual a capacidade dele, porque tem alguns que tem problemas cardíacos, que já fizeram operação e tal, mas eles já te dão o feedback logo, se você for mais intenso, a ginga mais rápida, então você vai estar exigindo um pouco mais do cardio pulmonar, mas você vai trabalhando tudo de acordo. Antes da prática eu peço um atestado médico com a aptidão, hoje eu sei da capacidade dos meninos, se eu vou acelerar, diminuo o tempo e eles irão aguentar um treinamento de no máximo 30 minutos. Então o aprendizado é lento, mas eles já estão avançados dentro das suas capacidades, por exemplo, eles já fazem esquivas, tem 4 tipos que eles fazem, queda de quatro e muitos outros movimentos (Professora Entrevistada).

Como fala Pereira (2007), a capoeira propicia uma variedade de exercícios que trabalham força, coordenação, destreza, equilíbrio, agilidade, flexibilidade, o que a professora concorda na sua explanação, afirmando que isso melhora em muito esses aspectos nos alunos com SD. Porém deve-se ressaltar que em alguns aspectos como equilíbrio e agilidade, Reis Filho (2010) conclui em seus testes que não há qualquer modificação, pela dificuldade desses indivíduos em executar os movimentos.

De acordo com Lussac (2004), a capoeira tem a possibilidade de explorar, desde as qualidades físicas até o domínio cognitivo, possibilitando uma vasta exploração psicomotora,

segundo Bezerra Neto (2010) isso se aplica também às pessoas com SD. Baseado nessa afirmação, a professora relata sobre os fundamentos metodológicos da capoeira:

Não existe técnica, na verdade tem as teorias da aprendizagem metodológica, método parcial, método global, na verdade você tem que tentar se colocar no lugar dele, tentar ter um olhar que vai mais além, de tentar imaginar mesmo como é andar com aquela perninha torta e colocar a mãozinha no chão estando um pouquinho acima do peso. Você tem que fazer tudo por partes, é necessário conversar, elas entendem quando é para treinar os golpes, eles sabem os nomes dos golpes, o momento da roda (Professora Entrevistada).

Portanto, a capoeira possibilita a exploração das qualidades físicas até o domínio cognitivo (LUSSAC, 2004), verifica-se nela uma grande aliada ao desenvolvimento psicomotor na SD. A professora explica que quanto aos aspectos psicomotores, os alunos com SD têm dificuldade de fazer as atividades, mesmo as mais simples, mas com o tempo, eles desenvolvem melhoras significativas. Bezerra Neto (2010), conclui que mesmo com suas limitações, o aluno com SD poderá atingir um desenvolvimento na sua parte psicomotora, através da capoeira.

Bezerra Neto (2010), descreve que muitas são as demandas de geração de força na capoeira, assim como em movimentos de equilíbrio estático, quanto em outros movimentos com mobilidade geral (Por exemplo os movimentos do Aú, a queda de quatro, armada, queixada, rabo de arraia, dentre outros), os quais proporcionam a possibilidade de diminuir a hipotonia muscular generalizada peculiar a SD, o que resulta em ganhos de força e resistência. Assim, a professora demonstra que há uma possibilidade para alterar essa condição física:

Tem um exemplo de uma aluna que o médico fala que ela não pode fazer muitas atividades físicas e que ele indicaria um especialista em pé, porque o pezinho dela é torto, que ela sente um pouquinho de dor, que ela tem dificuldade de andar, mas é a que mais ginga, a melhor na capoeira é ela, a outra fez uma cirurgia na coluna, nisso ela ficou um ano sem atividade e ela está super bem, eu vejo que na verdade a capoeira é pra todo mundo, dentro dos seus limites. Eu acho que tudo é uma questão de equilíbrio (Professora Entrevistada).

Nas atividades que proporciona ganhos de força e resistência, têm as com movimentos de equilíbrio estático e movimentos com mobilidade geral (BEZERRA NETO, 2010), que possibilitam a melhora da hipotonia muscular presente nos indivíduos com SD. A professora afirma que esses ganhos são visíveis quando exemplifica o caso da aluna que, apesar das dificuldades provocadas pela hipotonia, se destaca como capoeirista.

Segundo Barbieri (2013), a capoeira se caracteriza por ser dinâmica, coreográfica, e por utilizar de movimentos rituais e ritmados, onde habilidade, força e autoconfiança se

evidenciam. Para Dalla Déa e Duarte (2009) a dança presente na capoeira, prioriza a educação motora consciente e global e, quando aplicada para crianças com SD acarreta ótimo desenvolvimento aos aspectos físicos, intelectuais sociais e emocionais. Em sua opinião a professora descreve as particularidades que a dança transmite de cada um.

A dança da capoeira permitiu e permite hoje a expressão corporal desses meninos, a expressão do seu eu mais verdadeiro, que é a ginga diferenciada que cada um tem, a sua autenticidade, isso é adquirido por meio da dança, dessa dança da capoeira e que a gente brinca também, as vezes a nossa aula não é só golpes, as vezes a nossa aula é dança, porque eu quero que os meninos se soltem que eles consigam essa busca “trans” como a somaterapia fala, essa quebra de couraça, de se libertar, de libertar seu corpo anulando as dificuldades (Professora Entrevistada).

Por estar presente na capoeira, a dança enriquece os benefícios que a ela proporciona aos seus praticantes. Dalla Déa e Duarte (2009) enfatizam que a dança da capoeira influencia no desenvolvimento dos aspectos físicos, intelectuais, sociais e emocionais dos alunos com Síndrome de Down o que concorda a professora ao relatar as mudanças que a dança provoca nos alunos. Segundo Silva (1995) a dança como corpo, é uma linguagem corporal e espontânea. Os autores e a professora corroboram que dança existente na prática da capoeira influencia no desenvolvimento desse público e na literatura revisada não foi possível visualizar nenhuma discordância ao assunto abordado.

CONCLUSÃO

Este estudo é direcionado para a compreensão do desenvolvimento psicomotor dos indivíduos com Síndrome de Down em idade escolar e proporcionou verificar que a capoeira oferece subsídios ao desenvolvimento motor e cognitivo para estas pessoas, fomentando que este conteúdo, pode ser utilizado como instrumento pedagógico nas aulas de educação física.

Na literatura é possível perceber que a capoeira tem como característica a mistura de prática corporal com música e dança, aliando movimentos que envolvem condicionamento aeróbio, força, coordenação motora, destreza, dentre outros e que influenciam positivamente no desenvolvimento dos indivíduos com Síndrome de Down. Neste estudo, foi percebido através da entrevista com a professora da escola especializada em atendimento à alunos com deficiências, que os principais benefícios com a iniciativa, abrangem a fala, o rendimento e comportamento escolar, postura, marcha, além do convívio interpessoal. Na escola, há uma ênfase no uso da capoeira como instrumento no desenvolvimento psicomotor dos alunos com

Síndrome de Down, corroborando com as afirmações dos autores pesquisados, de que o uso da capoeira para o desenvolvimento do público em questão realmente é positivo.

Como perspectiva de futuro, é necessário ressaltar que novas pesquisas mais aprofundadas com a participação de profissionais da saúde, como médicos, psicólogos, nutricionistas, entre outros, no acompanhamento da evolução em estudos longitudinais, trariam maior credibilidade e propiciaria a efetiva inclusão da capoeira como conteúdo em cursos voltados ao aperfeiçoamento dos profissionais da área e em especial nas aulas de educação física escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLT, J. E; HOWELL, C. J. Down's syndrome. **British Journal of Anaesthesia**, 2003.
- ANJOS, E. D. **Glossário terminológico ilustrado de movimentos e golpes de capoeira: um estudo término – lingüístico**. Dissertação de Mestrado, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-14082006-093406/pt-br.php>. Acesso em 15 de março de 2016.
- AREIAS, A. **O que é capoeira**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.
- ARAÚJO, P. C. **Capoeira: novos estudos – abordagens sócio-antropológicas**. Juiz de Fora: Notas & Letras, 2005.
- BARBIERI, C. A. S. **Buraco velho tem cobra dentro: uma interpretação do processo de escolarização da Capoeira**. 1ª. ed. Curitiba: Editora CRV, 2013.
- BEZERRA NETO, J. C. **Desenvolvimento psicomotor proporcionado pela capoeira ao Síndrome de Down**. Monografia, Curso de Educação Física, Faculdade Maurício de Nassau, Recife, 2010.
- BRITO, A. C. **Capoeira: um contributo para a melhoria da coordenação motora em indivíduos com síndrome de Down**. Dissertação (Mestrado em atividade física adaptada) - Faculdade de desporto, Universidade do Porto, Porto, 2008.
- BRUNONI, D. **Aspectos epidemiológicos e genéticos**. Em J. S. SCHWARTZMAN (Org.), **Síndrome de Down** (p.32-43). São Paulo: Mackenzie, 1999.
- DALLA DÉA, V. H. S.; DUARTE, E. **Síndrome de Down: Informações, Caminhos e Histórias de Amor**. São Paulo: Phorte, 2009.

- EISENHOWER, A. S.; BAKER, B. L.; BLACHER, J. Preschool children with intellectual disability: Syndrome especificity behavior problems, and maternal well-being. **Journal of Intellectual Desability Research**. Oxford, v.49, n.9, p. 657-671, 2005.
- ESTEVEES, A. P. **A capoeira da indústria do entretenimento: corpo, acrobacia e espetáculo para “Turista Ver”**. Salvador: Bureau, 2003.
- GRANZOTTI J. A.; PANETO, I.L.; AMARAL, F. T.; NUNES, M. A. Incidência de cardiopatias congênitas na Síndrome de Down. **Jornal de Pediatria**. (Rio J), 1995.
- HOWARD, W. **A música e a criança**. São Paulo: Summus, 1984.
- HENDERSON, A.; HUNTER, M.; LUNCH, S.A.; WILKINSON, S. Adults with Down’s Syndrome: the prevalence of complications and health care in the community. **British Journal of General Practice**, 2007.
- LUSSAC, R. M. P. **Desenvolvimento psicomotor fundamentado na prática da capoeira e baseado na experiência e vivência de um mestre da capoeiragem graduado em educação física**. Universidade Cândido Mendes, Pós-Graduação “Lato Sensu”, Projeto A vez do Mestre. Rio de Janeiro: 2004. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/monopdf/7/RICARDO%20MARTINS%20PORTO%20LUSSAC.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2016.
- MATTOS, M. G.; ROSSETTO JR., A. J.; BLECHER, S. **Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa em Educação Física: Construindo sua Monografia, Artigo e Projeto de Ação**. São Paulo. Editora Phorte, 2004.
- MARINHO, I. P. **Subsídios para a história da capoeiragem no Brasil**. Rio de Janeiro: Tupy, 1956.
- NISIHARA, R. M.; KOTZE, L. M.; UTIYAMA, S. R.; OLIVEIRA, N. P.; FIEDLER, P. T.; MESSIAS-REASON, I. T. Doença celíaca em crianças e adolescentes com síndrome de Down. **Jornal de Pediatria**, v.81, p. 373-376, 2005.
- REIS FILHO, A. D.; SCHULLER, J. A. P. A capoeira como instrumento pedagógico no aprimoramento da coordenação motora de pessoas com Síndrome de Down. **Pensar a Prática**, v.13, n.2, p. 1-21, 2010.
- PALMA; L. E. Ensino da Capoeira para Pessoas com Deficiência Intelectual. **Revista da Sobama**, Vol. 13, 2012.

PEREIRA, R. R. **A contribuição da Capoeira Adaptada na melhoria de aspectos sociais em pessoas portadoras de necessidades especiais**, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência da Motricidade Humana da Universidade Castelo Branco – RJ, 2007.

PUESCHEL, S. **Síndrome de Down: guia para pais e educadores**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2007.

SCHWARTZMAN, J.S. **Síndrome de Down**. 1. ed. São Paulo: Mackenzie Memnon, 1999.

SELIKOWITZ, M. **Síndrome de down**. Madrid: Instituto Nacional de Servicios Sociales, 1992.

SILVA, G. O. **Capoeira: do engenho à universidade**. 2. ed. São Paulo: Cepeusp, 1995.

SANTOS, L. S. **Educação, Educação Física, capoeira**. Maringá: Imprensa Universitária, 1990.

VIEIRA, L. R. **O jogo de capoeira**. Rio de Janeiro: Editora Sprint. 1995.

VIEIRA, L. R. Capoeira: os primeiros momentos de sua história. **Revista Capoeira**, São Paulo: 1998a.

VIEIRA, L. R. De prática marginal à arte marcial brasileira. **Revista Capoeira**, São Paulo: 1998b.

Recebido em 29 de agosto de 2016.

Aprovado em 20 de setembro de 2016.